

**(RE)DISCUTINDO O ENSINO DA TRANSITIVIDADE VERBAL
SOB O VIÉS FUNCIONALISTA: A ORAÇÃO EM FOCO**

Patrícia Mota do Amaral Lima (UESB)

patty.mota@yahoo.com.br

Simara Silva Pereira Carreiro (UESB)

marauelly@hotmail.com

Soleane Rodrigues Lustosa Lima (UESB)

soleanelustosa@hotmail.com

Valéria Viana Sousa (UESB)

valeriavianasousa@gmail.com

RESUMO

O trabalho apresenta um estudo sobre a Transitividade Verbal com o objetivo de investigar como o fenômeno da transitividade é abordado nas escolas, sobretudo como tem sido apresentado nos compêndios de Língua Portuguesa, especificamente, em alguns livros didáticos do Ensino Fundamental dos anos finais para, assim, entendermos por que os alunos apresentam dificuldades em compreender esse conteúdo gramatical. Para tanto, este trabalho constituiu-se de uma pesquisa bibliográfica sobre a Transitividade Verbal a partir das concepções das Tradições Gramatical e Linguística, bem como de uma análise de alguns livros didáticos em capítulos cujo tema é abordado, a fim de analisar a relevância da contribuição teórica preconizada pelo livro no processo de ensino-aprendizagem. Com base neste estudo, elaboramos uma proposta de intervenção que consiste no ensino da Transitividade Verbal, ancorada na Linguística Funcionalista Norte-Americana, visando colaborar com a prática docente. Desenvolvemos a metodologia da análise quali-quantitativa e, diante dos resultados da aplicação da proposta, foi possível confirmar a hipótese de que a forma de abordagem do referido conteúdo, apoiada no livro didático e preconizada pelo modelo normativo, dificulta a aprendizagem, enquanto que a proposta de ensino de gramática considerando as especificidades da língua em uso facilita a compreensão do conteúdo, nesse caso, a Transitividade Verbal.

Palavras-chave:

Ensino. Funcionalismo. Transitividade Verbal.

ABSTRACT

This paper presents a study about Verbal Transitivity with the objective of investigating how the phenomena of transitivity is approached at schools, above all how it is presented in Portuguese Language compendiums, specifically, in some textbooks for Basic Education in its later years so through it, in that way, understand how the students show difficulties in comprehension of the grammatical subject. For such, this work constitutes a bibliographical research about verbal transitivity through the concepts of the Linguistics and Grammatical Traditions, as well as an analysis of some textbooks in chapters in which the theme was touched upon, analyzing the relevancy of the theoretical contributions preconized by the book in the process of teaching and learning. Based on this study, an intervention proposal made up of teaching the verbal

transitivity, anchored by the North-American Functionalist Linguistics was elaborated, aiming to contribute with the teaching practice. A methodology made up of a quantitative and qualitative analysis was developed and, through the results of applying the proposal, it was possible to confirm the hypothesis that the way of broaching the subject, sustained by the textbook and preconized by the normative model, makes learning more difficult, while the proposal of grammatical teaching based on the specificities of the language in use makes comprehending the subject, in this case, the verbal transitivity, easier.

Keywords:

Functionalism. Teaching. Verbal Transitivity.

1. Introdução

A história tem nos mostrado que em épocas distintas, estudiosos de correntes diversas se dedicaram, e ainda se dedicam, a descrever, estruturar/organizar, compreender a linguagem e seus mecanismos, bem como sua relação com cada comunidade que é apropriada por ela.

Sem a pretensão de fazermos uma exposição histórica da Tradição Gramatical, ressaltamos apenas que a gramática, em especial a prescritiva/normativa como a conhecemos hoje, teve a sua gênese na gramática alexandrina, a *Téchne Grammatiké*, de Dionísio de Trácia, e aspirava reproduzir o conhecimento de poetas e prosadores (NEVES, 2017, p.50). Em relação ao Português, fomos representados historicamente por nossos “colonizadores” Fernão de Oliveira, em 1536, com sua obra *Grammatica da Lingoagem Portuguesa* e por João de Barros, em 1540, com sua *Grammatica da Língua Portuguesa*, cujo intuito era a prescrição da forma correta do falar e do escrever, não do brasileiro (ou do português), mas dos doutos “homericalizados”. Esses modelos de gramáticas foram levados pela história das navegações e chegaram até nós, brasileiros.

No entanto, a história da linguagem não apresenta apenas a face da prescritividade, como nos apresentaram por muito tempo. Tomemos como exemplo a Europa com a contribuição do Círculo Linguístico de Praga. Nesse período, a língua era analisada por muitos enquanto estrutura, em uma perspectiva formal, mas havia outros estudiosos que se dedicaram à função, o que provocou a divisão/classificação da Linguística Moderna em dois polos: o formalista (Estruturalismo e Gerativismo) e o funcionalista (Sociolinguística, Funcionalismo, Sociofuncionalismo).

Interessa-nos, aqui, em especial o polo funcionalista. É nessa perspectiva que analisaremos o fenômeno da Transitividade Verbal. Diante disso, neste artigo, além dessa *Introdução*, trazemos, na seção 2,

Questões teóricas, na qual discorremos sobre as contribuições da TG, baseando-nos em Said Ali (1964) Cegalla (1978), Cunha e Cintra (2008) e Rocha Lima (2011), e da TL, da qual nos referenciamos em Perini (2004), Neves (2000; 2007) e Castilho (2016); nos livros didáticos; e no *O Funcionalismo*, subseção em que apresentamos e discutimos os dez traços/parâmetros propostos por Hopper e Thomson (1980). Na seção 3, *Metodologia*, expomos os procedimentos por nós adotados para a constituição de nossa pesquisa. Na seção 4, trazemos a *Análise de dados* com os achados de nosso estudo. E, por fim, na seção 5, há as *Considerações finais*, seguidas das *Referências Bibliográficas*.

2. *Questões teóricas*

Ao nos debruçarmos pela história, objetivando compreender a Transitividade Verbal, percebemos que as diferentes abordagens a ela destinadas complementam-se. Vejamos, agora, como essas abordagens “interpretaram” o fenômeno da Transitividade.

2.1. *O Legado da Tradição Gramatical (TG) e da Tradição Linguística (TL)*

A Transitividade Verbal é analisada, sob a ótica da TG, como uma extensão do ideal proposto nos modelos da tradição latina. É herança desse período a noção sintática da Transitividade Verbal pautada nas relações de passividade e atividade das orações, de “*transíre*” da voz ativa para a voz passiva, bem como a noção semântica de (in)completude verbal, que classifica os verbos em dois grupos: Transitivos – necessitam de complementos para fazerem sentidos – e Intransitivos – possuem um sentido “nato”, não necessitando de complementos. Essa classificação dicotômica foi utilizada por muitos estudiosos da TG, a exemplo de Said Ali (1964), Cegalla (1978), Cunha e Cintra (2008) e Rocha Lima (2011). Para esses autores, o verbo é o centro da oração, o principal responsável pela Transitividade e é ele quem “dita” a presença, ausência e a natureza dos complementos.

Os autores citados se diferem em alguns pontos. Enquanto Said Ali (1964) e Cegalla (1978) não nos informam a importância do contexto para estudo da Transitividade Verbal, Cunha e Cintra (2008) abordam a “variabilidade da predicação verbal” e a necessidade de análise do contexto, apresentando exemplos de sentenças construídas em torno do ver-

bo *perdoar* que poderão ser classificadas de diferentes formas, a saber: *Perdoi sempre* (VI); *Perdoi as ofensas* (VTD); *Perdoi aos inimigos* (VTI); *Perdoi as ofensas aos inimigos* (VTDI). Já Rocha Lima (2011) acrescenta às classificações Intransitivos, Transitivos Diretos, Transitivos Indiretos e Bitransitivos (Transitivo direto e indireto para Cegalla), as classificações “Transitivos Relativos” e “Transitivos Circunstanciais”.

É possível observarmos que a perspectiva de análise foi se modificando, ainda que minimamente, dentro da própria TG. Uma abordagem diferente relacionada ao mesmo fenômeno, Transitividade Verbal, foi realizada por estudiosos da TL, dentre os quais podemos citar Perini (2004), Neves (2000; 2007) e Castilho (2016).

Perini (2004) é considerado complexo por trazer à luz da Transitividade Verbal a noção de matrizes. Para o autor, é um equívoco considerar, como faz a TG, apenas a “exigência” ou a “recusa” de complementos pelos verbos, pois há verbos que podem exigir ou recusar complementos verbais, a depender do contexto. Assim, ele insere nessa classificação a “livre aceitação”, de forma que um verbo possa ser “usado” transitivamente ou intransitivamente, em oposição a “ser” transitivo ou intransitivo. Para o autor,

Temos quatro funções (OD, AC, CP, Pv) e, para cada uma delas, três possibilidades (Ex, Rec, L), o que nos dá dezenas de maneiras possíveis de exprimir a transitividade de um verbo [...] das matrizes possíveis em princípio, somente onze se realizam;. [...] (PERINI, 2004, p. 167)

Assim, não teremos as cinco classificações básicas da TG - Transitivos Diretos, Transitivos Indiretos, Transitivos Diretos e Indiretos, Intransitivos e de Ligação, mas onze matrizes.

Para Neves (2000), a Transitividade Verbal está relacionada a verbos que constituem predicados e à valência verbal. A esta, ela atribui a metáfora de “casas” que são abertas pelos verbos e que devem ser preenchidas por complementos, inclusive pelo complemento sujeito.

Diferentemente da TG, Neves (2007) não utiliza a expressão “tipos de predicados”, embora cite as designações verbos transitivos, objeto direto e predicado nominal com o intuito de explicar o comportamento verbal e o acionamento das estruturas argumentais. Ela elenca quatro classes de verbos: verbos cujo objeto sofre mudança no seu estado; verbos cujo objeto não sofre mudança física, não sendo um paciente afetado; verbos que possuem um complemento não preposicionado (objeto direto) e um complemento preposicionado; e verbos que têm complementos oracionais.

Outra contribuição importante da linguista é a apresentação de uma transitividade que considere as relações lógico-semânticas, aliada aos planos sintáticos, semânticos e pragmáticos da sentença. Essa ampliação do fenômeno incluindo os aspectos discursivo-textuais possibilita o estudo da Transitividade Verbal em situações de uso.

Castilho (2016) expande a noção de Transitividade para além do verbo ao afirmar:

A transitividade gramatical é uma propriedade da sentença, e não do verbo que a constrói. Não há verbos exclusivamente transitivos, nem verbos exclusivamente intransitivos. É o uso na sentença que explicita a decisão tomada pelo falante. (CASTILHO, 2016, p. 263)

Assim como Neves (2007), Castilho (2016) considera a relação pragmática e não descarta a “centralidade canônica” do verbo e sua capacidade de selecionar os argumentos que devem preencher “os espaços vazios” das sentenças. Para ele, é a quantidade de argumentos que permite a classificação das sentenças. Assim, verbos *não-argumentais* não possuem argumentos externos ou internos; *monoargumentais* selecionam apenas um argumento; *biargumentais* selecionam dois argumentos e *triargumentais* acionam três argumentos.

Essas discussões apresentadas, resumidamente, apontam para uma nova perspectiva em relação ao fenômeno linguístico da Transitividade Verbal. Vejamos, agora, como os Livros Didáticos têm tratado a questão.

2.2. *O que nos mostram os livros didáticos*

Quando pensamos no processo ensino/aprendizagem na escola, certamente o livro didático é suscitado. Ele tem sido uma ferramenta importante para os docentes e, em muitos casos, o único material de leitura disponível para alguns alunos da Rede Pública de Ensino. Defendemos que o livro é um importante instrumento na prática docente, mas asseveramos que deve haver análise criteriosa da abordagem acerca dos conteúdos propostos, da coerência entre o que se propõe nas orientações/informações no Manual do Professor e nas atividades sugeridas. E, em nosso caso específico, devem também ser observadas as lacunas deixadas por esse instrumento sobre o objeto de estudo.

Em nossas pesquisas, empreendemos a análise de quatro volumes de Livros Didáticos (alguns deles utilizados por nós em sala de aula). Apresentamos, no Quadro 1, a sistematização das nossas percepções. Observemos:

Quadro 1: Aspectos observados nos Compêndios Didáticos analisados.

ASPECTOS OBSERVADOS	COMPÊNDIOS DIDÁTICOS ANALISADOS			
	Português em outras palavras(1997)	Português: Dialogando com textos(2006)	Português e Línguas (2006/2015)	Para viver juntos: Português(2015)
Conceito de Transitividade Verbal (critérios sintático-semânticos)	+	+	+	+
Considera o contexto	±	-	±	±
Considera as relações de sentido.	±	±	±	±
Estrutura básica: Texto/Leitura; interpretação/ compreensão do texto; Estudos linguísticos; Produção textual.	+	+	+	+
Aborda questões metalinguísticas.	+	+	+	+
Aborda questões epilinguísticas.	+	-	+	+
Manual do Professor reconhece importância de outras abordagens linguísticas.	Não observado ¹¹¹	-	+	+
Coerência entre o Manual do Professor e as atividades gramaticais.	Não observado	+	±	±

Fonte: Elaborado pelas pesquisadoras.

A organização das coleções analisadas parte do texto e de sua compreensão/interpretação para, em seguida, apresentarem os estudos linguísticos e solicitarem a produção textual; difundem o conceito de Transitividade Verbal, pautado na TG, da ideia de (in)completude verbal; e sugerem atividades, em sua maioria, metalinguísticas.

A maioria das atividades, com exceção de uma, salienta, no Manual do Professor, a importância de outras abordagens linguísticas para o ensino da gramática, no entanto, as atividades sugeridas são, quase exclusivamente, metalinguísticas. Três volumes apresentam, ainda que de forma insuficiente, questões epilinguísticas, considerando o contexto e o efeito de sentido.

Percebemos que algumas estratégias foram utilizadas no intuito de facilitar a compreensão dos alunos. Chamou-nos a atenção o livro *Português em outras palavras*. Na seção em que é abordado o conceito de Transitividade, há a inserção de uma transitividade intermediária que considera uma “escala”, como observada no Quadro 2 das autoras:

¹¹¹ Não conseguimos encontrar o Manual do Professor. Observamos apenas o Livro do aluno.

Quadro 1: Escala de transitividade.

Verbo intransitivo(-)	(±)	Verbo transitivo (-)
Marília caminhou ↓	Marília sonhou (com o anel) ↓	Marília viu (o quê?) (a casa) ↓
intransitividade	transitividade parcial	transitividade total
Não transmite a ação de si para um complemento (objeto). A ação volta-se para o sujeito.	Pode ou não ser utilizado com complemento.	Precisa de um complemento (objeto da ação) para ter sentido completo. A ação volta-se para o objeto.

Fonte: Coleção do livro didático *Português em outras palavras*, 1997, p. 112.

Percebemos a prevalência em nossos livros didáticos da abordagem da gramática prescritiva, fazendo-se necessário os docentes ousarem e ampliarem o conhecimento promovendo discussões e levando aos alunos mais atividades epilingüísticas e que valorizem a língua em uso, já que esse aspecto é, a nosso ver, uma grande lacuna da maioria de nossos compêndios didáticos.

2.3. O Funcionalismo

Após discorrermos, mesmo que de forma breve, sobre a TG e a TL, reconhecendo as contribuições deixadas por ambas, cabe-nos aqui lançarmos um olhar sobre a vertente teórica que, de fato, subsidia este trabalho. Desse modo, para entendermos como se dá o fenômeno da Transitividade Verbal sob a perspectiva funcionalista, faz jus situarmos, inicialmente, o Funcionalismo e as concepções por ele preconizadas.

Para Castilho (2016), o Funcionalismo

[...] considera a língua como um fenômeno heterogêneo, como uma atividade social, por meio da qual veiculamos as informações, externamos nossos sentimentos e agimos sobre o outro. Assim concebida, a língua é um somatório de usos concretos, historicamente situados, que envolve sempre um locutor e um interlocutor localizados num espaço particular, interagindo a propósito de um tópico previamente negociado. (CASTILHO, 2016, p. 66)

Assim, entendemos que a escolha linguística, bem como o fenômeno da transitividade, acontece a partir dos propósitos e intenções do ato de comunicar, visto que a linguagem é concebida como uma ferramenta de interação social. Nessa perspectiva, o Funcionalismo, iniciado no Círculo Linguístico de Praga, ao voltar-se para o estudo da relação entre a estrutura gramatical das línguas e os diferentes contextos comunicativos,

ampliou o vasto campo de pesquisa acerca dos fenômenos linguísticos. Segundo Martelotta e Kenedy (2015), o polo funcionalista concebe a língua como um instrumento de comunicação que, ao ser analisada, deve ser compreendida como uma estrutura maleável, sujeita às pressões das mais diversas situações comunicativas, as quais ajudam a determinar a estrutura da gramática.

Diante disso, a Transitividade Verbal é aqui abordada com um olhar mais pragmático, a partir da valorização dos elementos linguísticos e extralinguísticos. Nesse campo fértil de pesquisa, ancoramo-nos, mais precisamente, na Linguística Funcional Norte-Americana. A respeito dessa corrente teórica, Cunha e Tavares (2016, p.18) afirmam que “(...) a abordagem funcionalista norte-americana defende uma linguística baseada no uso, observando a língua do ponto de vista do contexto linguístico e da situação extralinguística.” Assim, reafirmamos que a língua sofre alterações e adaptações resultantes das funções que ela exerce, as quais correspondem às necessidades comunicativas e cognitivas dos falantes.

Cunha e Souza (2011, p. 37) atestam que a Transitividade Verbal é entendida “(...) como uma propriedade contínua, escalar (ou gradiente), da oração como um todo. É na oração que se podem observar as relações entre o verbo e seu(s) complemento(s) – a gramática da oração”. Partindo desse princípio, defendemos que a Transitividade Verbal deve ser vista como um *continuum*, perpassando toda a oração, semântica e sintaticamente.

Recorremos aos estudos de Hopper e Thompson (1980), estudos esses que representam o marco teórico dessa pesquisa/estudo e nos possibilitam constatar a ocorrência da transitividade sem que haja, necessariamente, sujeito/verbo/objeto. Os autores afirmam que a transitividade é constituída a partir de dez parâmetros sintático-semânticos independentes, mas que se articulam e se complementam. Para eles, a presença ou ausência desses parâmetros é o que determina se a sentença é mais ou menos transitiva.

Vejamos, a seguir, esses parâmetros propostos por Hopper e Thompson (1980) e referenciados por Cunha e Souza (2011):

Quadro 3: Parâmetros da transitividade segundo Hopper e Thompson (1980).

Parâmetros	Transitividade Alta	Transitividade Baixa
1. Participantes	Dois ou mais	Um
2. Chinês	Ação	Não ação

3. Aspecto do verbo	Perfectivo	Não perfectivo
4. Pontualidade	Pontual	Não pontual
5. Intencionalidade do sujeito	Intencional	Não intencional
6. Polaridade da oração	Afirmativa	Negativa
7. Modalidade da oração	Modo realis	Modo irrealis
8. Agentividade do sujeito	Agentivo	Não agentivo
9. Afetamento do objeto	Afetado	Não afetado
10. Individuação do objeto	Individuado	Não individuado

Fonte: Cunha e Souza (2011, p. 47).

Abordaremos, embora de forma breve, cada um deles:

Participantes – trata-se da transferência de ação e da presença de um agente e um paciente, porém nem toda sentença apresenta esses dois elementos igualmente acentuados e, assim, Hopper e Thompson (1980) veem a transitividade como um universal discursivo. Para Cunha e Souza (2011, p. 47) “(...) não pode haver transferência a menos que dois participantes estejam envolvidos”. Podemos ilustrar o que foi explicitado com duas cláusulas utilizadas no teste apresentado por Saboya (2014, p. 51):

Maria Gadu *fuma* um cigarro.

A mãe de Maria Gadu também *fuma*.

Constatamos que a sentença é mais transitiva quando há dois participantes, conforme observamos na primeira oração na qual há um sujeito agente *Maria Gadu* e um paciente completamente afetado pela ação do sujeito: *um cigarro*. A segunda sentença, ao contrário, apresenta o sujeito que pratica a ação, porém não é explícita a presença do objeto.

Cinese – trata-se de verbos que se movimentam, ou seja, transferem uma ação deslocada do participante agente para o paciente. Teixeira (2014) cita, mais precisamente, os verbos de *ação* nos quais o sujeito é responsável pelo fazer; os verbos de *processo* marcados por um acontecer em relação ao sujeito ou ao objeto e os verbos de *ação-processo* que manifestam um fazer do sujeito e um acontecer em relação ao objeto. A cinese mais alta conta com a presença dos verbos de *ação-processo* e *ação* do verbo, conforme mostramos nas quatro sentenças a seguir:

O coronel *colocou* a mão em pala sobre os olhos (...)

(...) o homem *saiu* de minha casa ofendido.

O ator *percebeu* o desejo.

O acampamento *permaneceu* quieto. (TEIXEIRA, 2014, p. 71)

Baseando-nos em Teixeira (2014), a primeira sentença apresenta alta cinesis, porque contém verbo de ação-processo, sujeito agente, paciente e mudança de situação. A segunda com a cinesis média possuiu sujeito agente e complemento não afetado. A terceira com um verbo de processo marca a cinesis mínima e não há transferência de ação e afetamento do paciente e, na última, há cinesis quase nula com um verbo de estado impedindo a transferência de uma ação do agente para o paciente.

Aspecto do verbo – diz respeito à conclusão da ação verbal. Para a ocorrência da transitividade alta é necessário que a sentença apresente um verbo de ação perfectiva, isto é, concluída, enquanto que a transitividade baixa é marcada por ação não perfectiva, ou seja, inconclusa/em processo. Analisemos os exemplos seguintes:

A mulher *estragou* a cafeteira.

Maria *tornava* aquela situação mais assustadora. (TEIXEIRA, 2014, p.67)

O primeiro exemplo tem a transitividade mais alta com o verbo de ação-processo, télico e a transferência de ação entre os sujeitos agente e paciente. No segundo, o verbo é de ação-processo, mas atélico por não apresentar claramente o término da ação.

Pontualidade – o verbo é semanticamente pontual quando a ação é instantânea e com efeito mais marcante nos pacientes – transitividade mais alta – ou não pontual quando a ação é durativa, prolongada, processual- transitividade mais baixa. São exemplos dessas ocorrências:

O menino *soltou* aquele pássaro.

O menino *carregou* minha sacola.

O traço pontualidade é mais evidente na primeira sentença, na qual a ação foi instantânea. A segunda traz um verbo menos pontual.

Intencionalidade do sujeito – a alta transitividade ocorre quando o sujeito, propositalmente, efetua a ação, e há a transferência de um agente para um paciente. Para alguns autores, isso é volitividade, porque o sujeito tem consciência da ação que ele realiza. Em outros contextos, o sujeito pode ser causativo, por não ser consciente ou não agir por vontade própria. Vejamos os exemplos:

José *furou* o pneu do carro.

Aviões do Forró e Alexandre Pires prometem tocar seus sucessos em shows na feira de São Cristóvão amanhã e domingo. (COSTA, 2014, p. 126)

Segundo os dados colhidos pelo autor, no primeiro exemplo, diante da possibilidade de um acidente, não houve volitividade, ou seja, intenção do sujeito, todavia, no segundo, há um sujeito animado motivado em executar a ação expressa pelo verbo, e, assim, há volitividade.

Polaridade da oração – referimo-nos, agora, aos aspectos positivos e negativos, se a ação aconteceu ou não aconteceu. Com isso, ocorre transferência de ação e mais alta transitividade nos casos positivos.

Coelho (2014, p. 133) alerta que expressões como “ninguém, nenhum, nada” são consideradas com polaridade negativa, mas, em situações de uso, há em sentenças positivas elementos negativos. Vejamos:

Foi um dia muito atribulado. O motorista *deixou de trabalhar*, porque estava com dor de cabeça. (COELHO 2014 p. 141).

Embora não haja explicitamente o elemento negativo *não*, o exemplo tem valor negativo porque o sujeito não executa a ação e houve baixa transitividade. Mas, se disser que *O motorista não deixou de trabalhar porque estava com dor de cabeça*, a sentença tem um valor positivo, pois o agente realizou a ação. É imprescindível observar os elementos pragmático-discursivos diversos que permeiam a língua falada.

Modalidade da oração – a transitividade da oração é mais alta quando ela está no modo *realis* e mais baixa, no modo *irrealis*. É necessária a constatação se a ação ocorreu e se é hipotética ou real. No modo *realis*, o tempo verbal Pretérito Perfeito do Modo Indicativo é o que se destaca por expressar claramente que a ação já foi realizada. O modo *irrealis* normalmente apresenta verbos nos Modos Subjuntivo e Imperativo ou no Futuro do Pretérito do Modo Indicativo, trazendo a ideia de que a ação não foi concluída. Citamos os exemplos de Vale (2014):

Choque entre ônibus e trailer mata 43 em estrada no México e causa grande engarrafamento.

Parece que o choque entre ônibus e trailer *teria matado mais de 43 pessoas* na estrada no México. (VALE 2014, p.157/158, grifo da autora)

Constatamos que a primeira sentença apresenta verbo no Modo Indicativo, logo com transitividade mais alta. A segunda retrata a interfe-

rência dos aspectos semântico-discursivos e do conhecimento de mundo dos falantes, sendo considerada como no modo *irrealis*.

Agentividade do sujeito – esse traço refere-se à transferência ou não da ação realizada pelo sujeito, o que determina a gradiência da transitividade. A ação proposital pode corroborar mais efetivamente para a sua transferência e o afetamento do paciente. Assim, a transitividade mais alta é marcada por um sujeito agentivo, controlador da ação. Utilizaremos os mesmos exemplos do parâmetro *intencionalidade do sujeito* para verificarmos em qual deles há maior agentividade do sujeito:

José furou o pneu do carro.

Aviões do Forró e Alexandre Pires prometem tocar seus sucessos em shows na feira de São Cristóvão amanhã e domingo. (COSTA 2014, p.126)

O primeiro exemplo revela baixa agentividade, baixa transferência da ação, uma vez que a ação não foi de propósito; no segundo exemplo, trata-se de uma ação consciente do sujeito, marcada por alta agentividade e alta transferência de ação.

Afetamento do objeto – o objetivo é aferir se o objeto da oração foi ou não afetado pela ação do sujeito. Quanto mais alto for o afetamento, mais alta será a transitividade e o tempo verbal contribui de forma significativa para demonstrar se a ação foi concluída ou se ainda está em processo. Passemos à exposição dos exemplos:

O homem tirou o chapéu na igreja.

O homem vai tirar o chapéu na igreja.

O homem está tirando o chapéu na igreja.

No primeiro exemplo, há maior afetamento do objeto marcado por um verbo perfectivo no Pretérito Perfeito do Indicativo. Nos demais exemplos, temos verbos imperfectivos que revelam que a ação ainda vai ocorrer e/ou está em andamento.

Individuação do objeto – quando o objeto é próprio, humano/animado, concreto, singular, contável e tem referencial definido, é individualizado – alta transitividade- e não individualizado quando é comum, inanimado, abstrato, plural, não contável e não referencial. Observemos o exemplo:

“Em São Paulo, projeto ambiental ajuda a preservar a *palmeira juçara*.” (ABRAÇADO; KENEDY 2014, p. 187)

O exemplo traz um objeto individuado que corresponde às especificidades em questão.

Pautando-nos nessa discussão acerca dos dez traços da Transitividade Verbal propostos por Hopper e Thompson (1980), sob a perspectiva da Linguística Funcional Norte-Americana, é possível compreender que a transitividade acontece em toda a oração e não apenas no verbo.

3. Metodologia

Trata-se de um estudo de caráter quali-quantitativo amparado pela Teoria Funcionalista, mas, para isso, iniciamos com a análise do legado de cânones gramaticais, como Said Ali (1964), Cegalla (1978), Cunha e Cintra (2008) e Rocha Lima (2011), acerca da Transitividade Verbal, contrastando-o, em seguida, com as contribuições dos linguistas Perini (2004), Neves (2000; 2007) e Castilho (2016).

Como o presente estudo perpassa a teoria e adentra a sala de aula, analisamos, também, coleções de livros didáticos de Língua Portuguesa para averiguarmos quais princípios teóricos embasam a abordagem feita para o ensino da Transitividade Verbal e se as atividades sugeridas correspondem a essa proposta.

Na sequência, ampliamos a análise sobre a transitividade a partir do estudo de autores como Hopper e Thompson (1980), Cunha e Souza (2011), Castilho (2016), dentre outros, que nos apresentaram a visão do Funcionalismo e os princípios defendidos por essa corrente teórica, os quais subsidiam nossa intervenção pedagógica para o ensino da Transitividade Verbal no Ensino Fundamental II, tomando como base os dez parâmetros propostos por Hopper e Thompson (1980).

Após a aplicação dessa proposta pedagógica avançamos para a análise e discussão dos dados, momento prático e de extrema relevância, porque enriqueceu nossos conhecimentos e sustentou nossas reflexões no que concerne à valorização da língua em uso para facilitar o ensino e aprendizagem da Transitividade Verbal. Passemos, desse modo, aos resultados de nossa intervenção pedagógica.

4. Análise e discussão dos dados

Tendo em vista que é na oração, considerada transitiva, que conseguimos aferir o grau de transitividade a depender dos traços (parâme-

tros) identificados nela, propomos um estudo detalhado acerca dos parâmetros da transitividade de acordo com os estudos de Hopper e Thompson (1980). Apesar de os traços serem independentes, atuam articulados na oração para determinarem o grau de transitividade dela, pois, isoladamente, não são capazes de aferir se uma oração é mais ou menos transitiva. No entanto, para facilitar a compreensão dos alunos acerca disso, optamos por trabalhar, inicialmente, com os parâmetros separadamente para que os estudantes pudessem, ao final, identificar o conjunto de traços presentes na oração e aferir adequadamente o grau de transitividade.

Nosso trabalho contou com aulas expositivas e atividades lúdicas na ministração do conteúdo, além de atividades orais e escritas sobre cada parâmetro. Como o nosso objetivo é a compreensão, por parte do aluno, do conjunto de traços presentes na oração, serviu-nos, para coleta de dados, uma atividade final envolvendo todos os parâmetros propostos com o objetivo de identificar a aprendizagem quanto à percepção do grau de transitividade da oração.

Vale ressaltar que nossa proposta de trabalho é embasada, teoricamente, na Linguística Funcional, prevalecendo, portanto, as condições discursivas do uso interativo da língua. Assim, a atividade final aborda uma perspectiva diferenciada daquela que, habitualmente, encontramos em livros didáticos no que se refere ao ensino de gramática. Desse modo, interessa-nos constatar se os alunos identificam a funcionalidade da língua através dos dez parâmetros apresentados por Hopper e Thompson (1980).

Diante disso, em uma das questões da atividade final, buscamos conferir se os estudantes conseguiriam identificar, entre três orações, aquela que é mais transitiva. Sendo assim, perguntamos:

Tendo em vista a escala de transitividade estudada, identifique a sentença que julga ser mais transitiva.

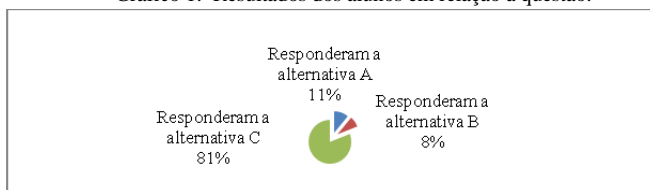
- a) Ela se diverte cumprindo uma “tarefa doméstica”.
- b) Hoje, decidi ir à feira com minha mãe.
- c) Ela comprou biscoitos deliciosos para eles.

Para identificar o grau de transitividade de cada oração os alunos precisam, inicialmente, saber que não é necessária a presença de todos os parâmetros na oração, mas o maior número deles. Para tanto, esperamos que identificassem, na alternativa A, os traços componentes *Modalidade* e *Afetamento do objeto*; na B, os parâmetros *Aspecto*, *Pontualidade*, *Polaridade*, *Modalidade*, *Agentividade* e *Afetamento do objeto*; na C, *Parti-*

cipantes, Cinese, Aspecto, Pontualidade, Intencionalidade, Polaridade, Modalidade, Agentividade e Afetamento do objeto. E, assim, percebessem que a alternativa C apresenta uma oração com alta transitividade, por apresentar nove traços marcados positivamente. Isso se justifica porque ela conta com dois participantes (sujeito e objeto), o verbo (comprar) expressa ação, o aspecto do verbo é télico (ação concluída), apresenta uma ação pontual (não houve nenhuma fase de transição entre o início e o fim da ação), há intencionalidade do sujeito (não havendo intenção se a oração fosse: Ela esqueceu de comprar biscoitos), a ação ocorreu (polaridade afirmativa), modalidade “realis” (há certeza no evento verbal), a ação do agente (comprar biscoitos) é um evento perceptível, o objeto é afetado (os biscoitos passam a ser de outra pessoa) havendo uma mudança de condição. Assim, a alternativa C, diante das outras alternativas, é a que apresenta maior transitividade.

Vamos aos resultados em relação à questão, no Gráfico 1:

Gráfico 1: Resultados dos alunos em relação à questão.



Fonte: Elaborado pelas pesquisadoras.

Constatamos, com esse resultado, que os estudantes perceberam a relevância e atuação de cada parâmetro nas sentenças, além de distinguir o grau de transitividade de cada uma. A escolha da maioria (81%) pela alternativa C, em detrimento às demais, confirma uma efetiva aprendizagem do assunto a partir da perspectiva funcionalista, trazendo-nos a certeza de que é possível trabalhar, também, com esse modelo e apresentara transitividade para além do prescrito na TG.

Reconhecemos a importância da TG e do uso do Livro Didático na sala de aula, mas acreditamos e defendemos que podemos, para além da TG, buscar estudos e pesquisas que nos guiem a orientar os nossos alunos para análises da língua em uso. O Livro Didático é um importante instrumento didático, entretanto, é fundamental acrescentarmos a ele outras compreensões sobre fenômenos linguísticos ali presentes.

5. Considerações finais

Este estudo foi realizado com o objetivo de investigar como a Transitividade Verbal tem sido apresentada aos alunos do Ensino Fundamental II através do suporte pedagógico oferecido pelo livro didático. A partir desse estudo, propomos uma nova possibilidade de abordagem, embasada, teoricamente, na Linguística Funcional norte-americana, especificamente, nos estudos de Hopper e Thompson (1980).

Para tanto, iniciamos nosso trabalho com uma pesquisa bibliográfica acerca da Transitividade Verbal, abordando a prescrição da TG, o que descreve a TL e, em especial, o Funcionalismo Linguístico Norte-Americano. Além dessas abordagens, realizamos uma incursão nos estudos contemporâneos e em livros didáticos. Esta pesquisa permitiu-nos identificar pontos divergentes no que tange à compreensão do fenômeno gramatical em pauta e, assim, constatarmos que a maior divergência está em como o evento gramatical é visto pela TG e pela TL. A TG identifica o verbo como responsável por definir a transitividade, por isso a análise é feita a partir da necessidade ou não de complemento sugerida pelo vocábulo verbal, classificando-o, essencialmente, como transitivo ou intransitivo. Em contrapartida, a TL amplia a classificação da transitividade verbal, tendo em vista o reconhecimento de várias possibilidades para analisar o fenômeno gramatical ressaltando a importância, também, dos demais termos que compõem a oração.

Desse modo, constatamos que a Transitividade Verbal sob a perspectiva do Funcionalismo Linguístico não se limita apenas ao verbo, tendo em vista que ele envolve toda a oração, englobando todos os elementos que a compõem, desde o sujeito até os complementos verbais.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABRAÇADO, Jussara; KENEDY Eduardo (Orgs). *Transitividade traço a traço*. Niterói: UFF, 2014.

CASTILHO, Ataliba T. de. *Nova gramática do português brasileiro*. 4. reimpressão. São Paulo: Contexto, 2016.

COELHO, Katiane de Carvalho. Polaridade. In: ABRAÇADO, J.; KENEDY, E. (Orgs). *Transitividade traço a traço*. Niterói: UFF, 2014.

CEGALLA, Domingos Paschoal. *Novíssima gramática da língua portuguesa*. 47. ed. São Paulo: Nacional, 2008.

CEREJA, William Roberto; MAGALHÃES, Thereza Cochar. *Português: Linguagens*. 9. ed. reform. São Paulo. Saraiva, 2015. (Vols 6, 7, 8, 9)

_____. *Português: Linguagens*. 4. ed. São Paulo. Atual, 2006. (Vols 6, 7, 8, 9)

COSTA, Wagner Alexandre dos Santos. Agentividade e Volitividade. In: ABRAÇADO, J.; KENEDY, E. (Orgs). *Transitividade traço a traço*. Niterói: UFF, 2014.

CUNHA, Celso Ferreira da; CINTRA, Luis Felipe Lindley. *Nova gramática do português contemporâneo*. 5. ed. Rio de Janeiro: Lexikon, 2008.

CUNHA, Maria Angélica da.; SOUZA, Maria Medianeira. *Transitividade e seus contextos de uso*. São Paulo: Cortez, 2011.

CUNHA, Maria Angélica Furtado da; COSTA, Marcos Antonio; CEZARIO, Maria Maura. Pressupostos teóricos fundamentais. In: CUNHA, M.A.F. da; OLIVEIRA, M.R. de; MARTELOTTA, M.E. (Orgs). *Linguística Funcional: teoria e prática*. São Paulo: Parábola, 2015.

CUNHA, Maria Angélica Furtado da.; TAVARES, Maria Alice (Orgs). *Funcionalismo e ensino de gramática* [recurso eletrônico]. Natal-RN: EDUFRN, 2016. 223p. (PDF; 1,6 Mb. Modo de acesso: www.edufrn.ufrn.br)

GONÇALVES, Maria Sílvia; RIOS, Rosana. *Português em outras palavras, 6ª série*. São Paulo: Scipione, 1997.

HELENE, Maria Beatriz Marcondes; LAURIA, Maria Paula Parisi; BUSCATO, Lenira Aparecida. *Português: dialogando com textos*. 2. ed. Curitiba: Positivo, 2006.

HOPPER, P.J.; THOMPSON, S. A. *Transitivity in Grammar and discourse*. *Language*. 1980.

MARTELOTTA, Mário Eduardo; KENEDY Eduardo. A visão funcionalista da linguagem no século XX. In: CUNHA, M.A.F. da; OLIVEIRA, M.R. de; MARTELOTTA, M.E. (Orgs). *Linguística Funcional: teoria e prática*. São Paulo: Parábola, 2015.

NEVES, Maria Helena de Moura. *Gramática de usos do português*. São Paulo: UNESP, 2000.

_____. *Texto e gramática*. São Paulo: Contexto, 2007.

_____. *Que gramática estudar na escola?*. 4. ed. São Paulo: Contexto, 2017.

PERINI (2004), Mário A. *Gramática descritiva do português*. 4. ed. São Paulo: Ática, 2005.

ROCHA LIMA, Carlos Henrique da. *Gramática normativa da língua portuguesa*. 49. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 2011.

SABOYA, Flávia. Participantes. In: ABRAÇADO, J.; KENEDY, E. (Orgs). *Transitividade traço a traço*. Niterói: UFF, 2014.

SAID ALI, Manoel. *Gramática secundária e Gramática histórica da língua portuguesa*. 3. ed. Brasília, Universidade de Brasília, 1964.

TEIXEIRA, Ana Machado. Cinese. In: ABRAÇADO, J.; KENEDY, E. (Orgs). *Transitividade traço a traço*. Niterói: UFF, 2014.

VALE, Hyléa de Camargo. Modo. In: ABRAÇADO, J.; KENEDY E. (Orgs). *Transitividade traço a traço*. Niterói: UFF, 2014